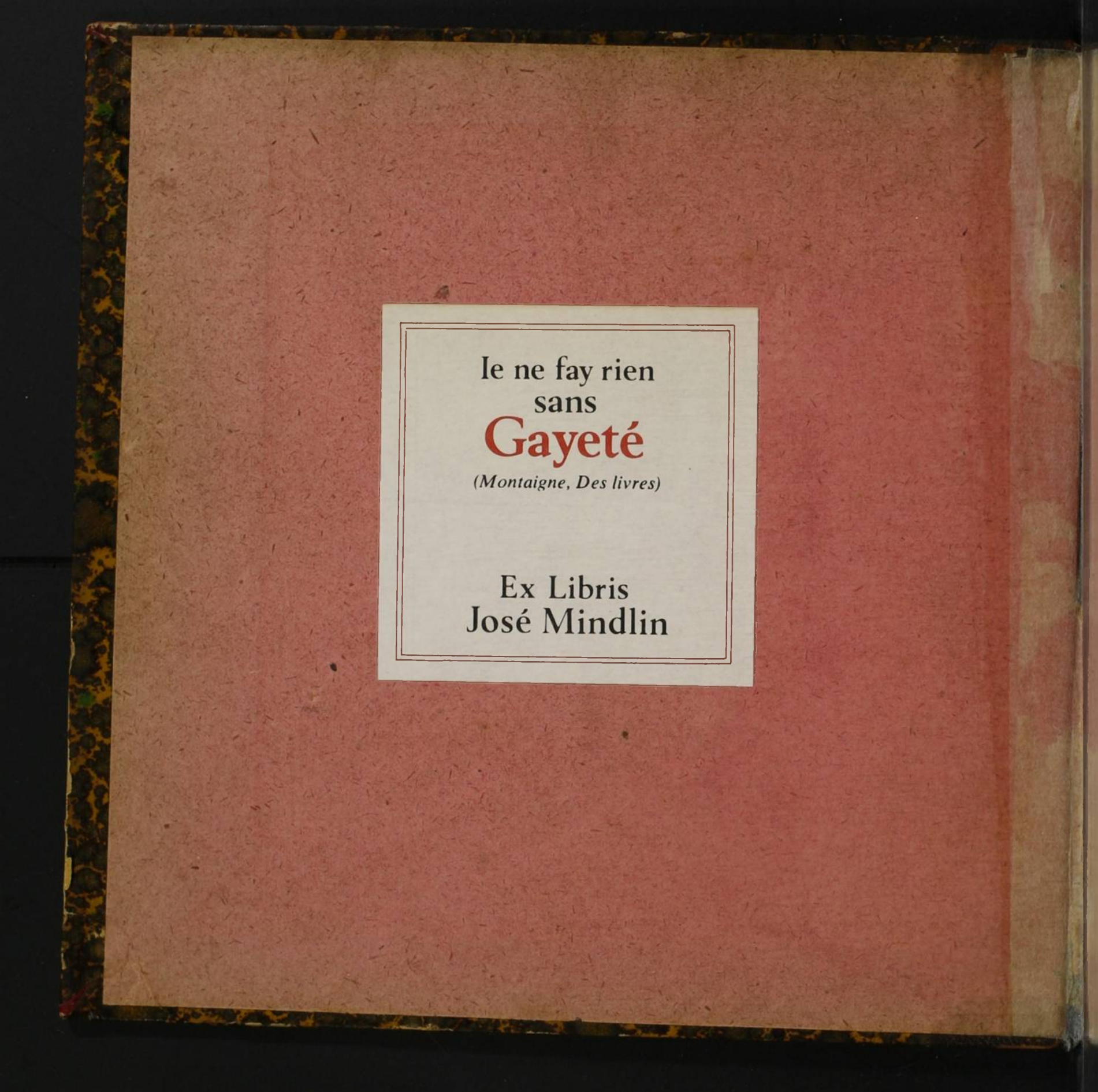

Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

AD. GUERRA-DUVAL

PALAVRAS

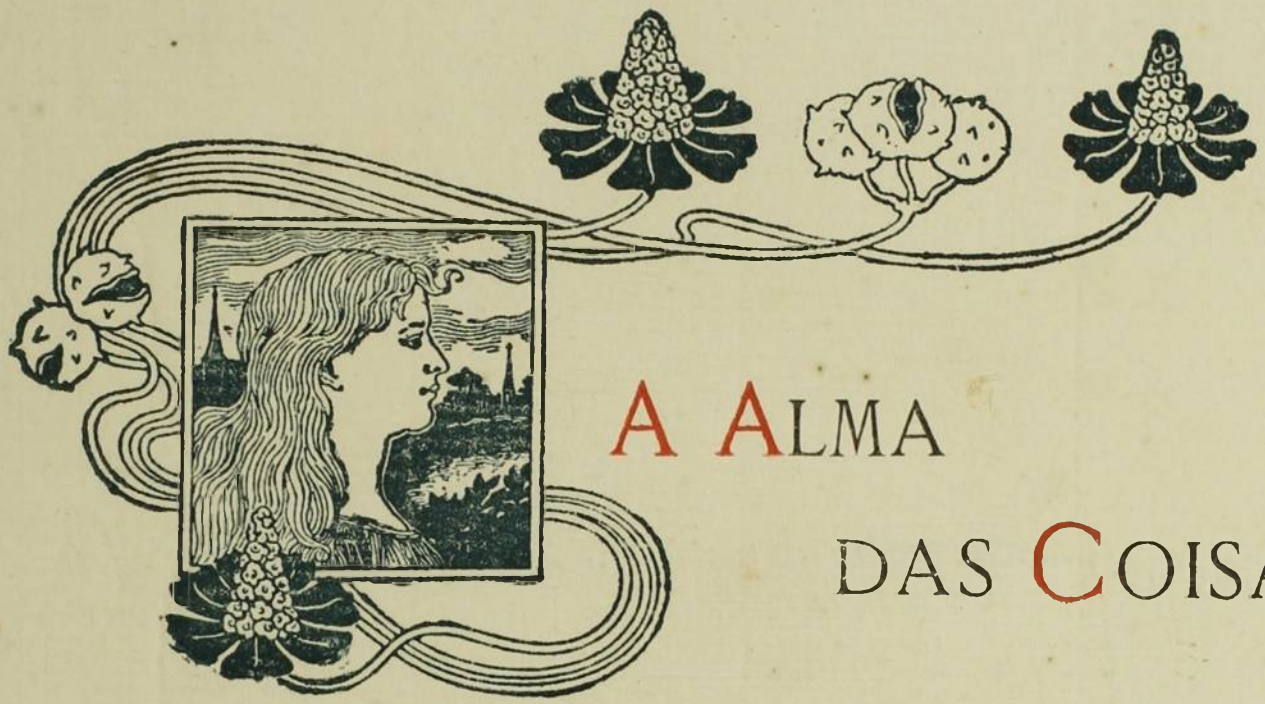
QUE O VENTO LEVA...

M.DCCCC

Senhor, que me tiraste cêdo
A mocidade, inda eu tam moço,
E a alegria de viver no Engano...
— Cego?... Pois seja, mas engano ledo!—
E me fazes sonhar o que talvez não posso:
Um destino astral e sobrehumano,
Agonisando em gloria e claridade,
Como um pôr de sol, em pleno mar, em Julho;

Senhor, que me despiste da vaidade
E me vestiste d'Orgulho,
— O Orgulho triste, o Orgulho solitario, o Orgulho taciturno,
Que faz a gente d'outra raça,
E é uma columna Vendôme, no meio d'uma praça;

TU, que és o Bem, a Verdade e o Amor,
Faze, ó meu Senhor,
Que os Criticos, os Tolos, e os Perversos
Não leiam os meus versos.



A Alma das Coisas

I

Pelos montes e valles da Minh'Alma.

Soneto da Primavera

Dia glorioso de céo cobalto,
Hora de rosas, mar de bonança;
Os barcos fogem para o mar-alto,
Como quem corre para a Esperança.

Fóra da barra, velas espalmas
Quasi a sumir-se fazem lembrar
Suspiros leves d'aquellas almas
Que vivem sempre de suspirar...

Neste scenario de primavera,
As boccas chamam as outras boccas
E as almas pares vivem de amor;

Até que um dia vae-se a Chimera,
E os pobres loucos e as pobres loucas
Morrem de ciume... ou morrem de dôr!

Soneto da Manhan

Num diluvio de pet'las amanhece
Para os olhos ruraes da gente san;
E nenhum dos noctivagos conhece
O reino azul e oiro da Manhan...

Como um olhar que vem do fundo d'alma,
Do abysmo d'alma illuminar os olhos,
Floresce a Noite immensamente calma
A luz d'olhar azul da Madrugada.

— E nos rosaes ha rosas sem abrolhos,
E a Vida é linda como a Bem-Amada!

(Hão de fugir voando as horas breves,
As Horas Claras, em que o chôro estanca,
Horas de rosas pallidas e leves
Sobre a Cidade ingenuamente branca.)

Garças

Ás Brancas, brancas Ophelias pennugentas, para que façam vida beata, na Torre Eburnea da Esterilidade,
—digo este psalmo en litania.

Evocativas,
Silenciosas,
Garças hieraticas e mysteriosas,
Damas Brancas e ciosas
Das virgens envultadas e captivas
No polen das camelias :
— Garças ophelias;

Garça aphrodita,
Alma pallida e afflicta
Pelo que soffreo e pelo que velou,
Alma penada de Pierrot ;

Gondola de pluma,
Flaflando no Ar o rithmo coleante,
Psalmeante,
Das ondulas d'aljofar e d'espuma ;

Véo astral de noiva morta, illuminaes as agonias
Das infecundas amantes
Que amámos,
Pennas abertas, como palmas

De leite
D'um Domingo baptismal de Ramos;
Coifas de linho de sóror enfermeira,
A' cabeceira,
Nos morrentes dias
Do ultimo olhar,
Luar
Dos olhos de diamantes;
Almas das rosas brancas desfolhadas,
Velaes cantando, a noite em claro, o mystico deleite
Do esteril amor symbolico das Almas;

Rosas de neve niveas como ventres de amadas,
Almas sem áscua,

Cheias de graça e decôro,
Psalmodeando em côro,
O mote quaresmal de Paschoa ;

Estridulos de flauta feitos ave,
Corações de harpa instrumental e grave;
Suave ;
Azas, que levaes no Ar as Esperanças
Das nirvanicas bonanças,
Pallidas aereas theorias de Garças,
Espalmos signos sideraes das virgens de pupillas
E cabello loiro, [garças
Como um zimborio d'oiro ;

— Garças virgens, Virgens esotericas,
Seja o vosso amor
O cerebral amor esteril das hystericas;
Alas tocando a matinas,
Poupae ás alvas almas crastinas
As javalinas
Do caçador — A DÔR;

Penna branca, nuvem que voa e passa,
Pulchras Filhas de Maria,
No meu corpo esteril a minh'alma casta vos amaria,
Se fosseis a opaleante agonia
Da RAÇA.

Angelus

(Cirrus esparsos como lirios raros
Andam no Ar opalejante, frouxo;
O Céo é um campo de lilazes claros,
E o Sol é um grande crysanthemo roxo.)

Melancholia d'Ave Maria,
Sino que tange recorda e plange...

Penas, Suspiros, Echos, Passados...
Sinos soluçam acompassados;

O som se queixa, suspira e passa :
Ave, Maria, cheia de graça;

Senhora, d'olhos tam esmoleres,
Bemdicta sede sobre as mulheres;

Ó Sancta Virgem d'Apparecida,
Porta de prata da Outra Vida,

Jesus é o fructo do Vosso ventre :
Bemdicto o Fructo, bemdicto o Ventre !

Torre d'aljofar e de marfim,
Sancta Maria, orae por mim;

A Arca da Graça, Flor de Ciclamen,
Abri na hora da minha morte. Amen.

A Voz, que fala, tam triste fala
Que a magoa ambiente nas almas cala;

P'los montes longes um sino bala,
E uma saudade, flebil, s'exhala;

Bebe-se a magoa aos lentos sorvos,
E em cada peito crucitam corvos...

Penas, Suspiros, Echos, Passados...
Sinos soluçam acompassados
Magoas do Som...

— Eu, que sou máo, se eu fôra bom...

Soneto do Luar

Lividos céo e terra, o ar e o mar,
A mortalha de linho do luar
E este tercetto pallido de opala;

— Morphina para as noites d'infortunio,
No lago do Silencio, o Plenilunio
Canta a *berceuse* d'alma, que m'embala.

. . . . . .

Silencio!... Paz nostalgica enluarada
De sonhos d'amarantho e de cobalto;
Cair d'estrellas, echos de ballada,
E o Pensamento vae de salto em salto!...

Foge o Espirito, solto e vagamundo,
D'alegria rural das primaveras;
E, abrindo os olhos d'aguia sobre o mundo,
Exalça a Lua, a Magoa e as Chimeras...

Versos do Verão

O monte é verde, o campo é loiro,
Como loiros cabellos;
O trigal é um phantastico thesoiro
De topazios amarellos.

Sazão de Céres flavescente,
De fecunda e forte envergadura,
De carne ruiva e madura,
Alliciante, olympica, insolente!

Calca a Terra nova e san,
No meio dia sanguineo de papoilas,
A farándula pagan
De ceifadores e moçoilas.

(— Pelo estuario tremulo da mésse,
Na scenographia estival,
A tua fermosa evocação floresce,
Ó Céres soberana, grave, triumphal!)

Versos do Campo

Que dias livres de máos cuidados
Que ando passando nesta simpleza,
Limpo de magoas e de peccados,
A ler a Biblia da Natureza.

A *Terra Mater*, Cybele antiga,
De seio fertil, manso e fecundo,
Alma campestre que é a boa amiga
Para os que fogem ao Diabo-Mundo...

Valles e montes, agoas do arroio,
Paizagem cheia de ingenuidade,
E a gente pobre, trigo sem joio,
Com que se amassa o Pão da Verdade.

Ao pé das sebes a trascalar
De madresilvas de tanto aroma,
Lembro a Cidade, e fico a pensar
Nos vicios tristes d'essa Sodoma.

Vou repassando as horas perdidas :
A noite em claro dos jogadores,
Os beijos tôrpes, infanticidas,
D'essas que alugam os seus amores...

Aqui, no Campo, longe dos luxos,
Ao frio agreste e aos ruivos sóes,
Nascem virtuosos estes gaúchos,
De peitos largos e hombros de heróes.

Vida tam branca a das raparigas
De carnes fartas, amorenadas,
Que são fecundas como as espigas
E, ás vezes, casam sob as latadas.

No céo cobalto d'estes lugares
A Tarde é casta como uma irman,
E a Lua sobe, clareando os ares,
Como se fosse já de manhan.

Na hora nostalgica e vesperal,
No instante grave d'Ave Maria,
Paz e repouso d'Alma Rural,
Alma e tranquilla melancholia...

Que dias brancos, illuminados,
Que ando passando nesta simpleza!
Limpo de magoas e de cuidados,
Pensando o Livro da Natureza.

Os Sinos

Evocativos sinos que eu ouço
No campanario da freguezia!
Eu, que sou velho, sendo tam moço,
Entendo os sinos d'Ave-Maria :

— A Vida é um grande temporal desfeito,
Tu, que andas a marear
Entra num porto p'ra te abrigar...

Solennemente dentro do peito
Dobram num dobre descompassado
Todos os Sinos do meu passado :

Sinos de prata para os baptismos
Das Innocencias,
De vozes supplices d'exorcismos
E d'indulgencias;

Corre nas pias bento Jordão
D'aguas lustraes.
— Eu tambem fui o novo-christão
E hoje ando aos ais...

Crystal dos sinos dos casamentos
Noivando os Ares,
Em duas almas dois Firmamentos
E dois Altares.

— Eu sou casado, sem *babies* loiros
E sem amor,
Em sexta-feira negra d'agoiros
Co'a Velha Dôr...

Sinos que tangem Ave-Maria,
Magoa da torre,

Que geme e plange pela agonia
Do Sol que morre.

Sol que se apaga roxo no Mar,
Tristeza espalma...
— Melancholia crepuscular
D'Angelus d'Alma...

Sinos de bronze, tocando a fogo,
Sinos d'alarmas...
Incendio ou guerra... e acodem logo
Homens com armas.

— Sino a rebate, voz do Perigo...
Mas é tam tarde!
Já na minh'alma vive o Inimigo,
E eu sou cobarde!...

. . . . . .

A Noite espalma as alas de morcego,
No Céo de crépes, lutulento e cego.

Elogio da Loucura

Lívida Loucura! amante preferida!
Loucos — todos nós que vamos pela Vida
A correr o steeple-chase do Ideal.

Uns, doidos varridos, amam o seu mal,
Nunca mais despertam, vivem a sonhar
Que ouvem a Sereia em noites de luar...

É deixal-os ir, deixal-os ir vagando
Pelo mar do Sonho Astral ; bem pode ser
Que os loucos-poetas de alma de mulher
Um designio heroico vivam madurando ;

Pode ser que os Olhos fitos nas estrellas
Leiam no roteiro azul rota chimerica,
Por onde guiar. extranhas caravellas,
Para ver sahir do mar a Nov' America!

Soneto do Occaso

Hora poente, Hora autumnal do dia,
Da magoada côr das amethistas ;
Janella aberta para a nostalgia
D'agonias solennes, pantheistas !

No curvo Céo episcopal de roxo,
Echos... suspiros... alluçinações...
Agoiro errante... Um sibyllino mocho
Pia dentro dos brandos corações...

Sobe da Terra o halito da Sombra;
A cidade de purpura s'escombra
E morre o Sol no desmoronamento.

Sol-posto... Gloria do aniquilamento,
Diluida a Energia e lasso o Musculo
Na psychose violacea do Crepusculo...

II

(Agoas e magoas de meio-outomno,
Campos e Villas ao abandono;
Idéas pardas, dias de spleen,
Que são agoiros d'um triste fim...)

Soneto d'Outomno

Grandes pannos grisalhos... Folhas mortas
Nos esqueletos d'arvores d'outomno...
A Morte e o Frio andam batendo ás portas,
E o Vento ulula como um cão sem dono.

(Pelos outomnos, minha Primavera,
Padeço as agonias ambientes,
E ha no meu peito alguem que desespera...
— Porque ha de haver outomnos e poentes!)

Nesta paizagem livida de spleen
A Alegria expirou dentro de mim ;
E o Sol, o loiro Sol do meu paiz !

Morreo de tedio pelo outomno gris...
— Como a nodoa d'azeite que s'espalma,
A Tristeza manchou toda a minh'alma !

Dias de nevoas e de Saudades...

Dias de nevoas e de Saudades,
Dias tam longos!
Dentro de negros caixões oblongos
Vão alegrias, vão mocidades.

Saudades, nevoas, tardes morrentes...
E as almas tristes, como doentes,
Passam, magoadas, a suspirar
Toda a tristeza esparsa no Ar.

— Almas violetas sentimentaes
Dos poetas loucos, mortos de amor...
E as Almas Noivas andam aos ais,
Porque são gemeos o Amor e a Dôr.

. . . . . .

Ha tantos dias que chove, tantos!
Ai! que esta chuva que m'envelhece,
Que me atormenta, que me anoitece
Parece feita d'agoa de prantos...

Soneto d'Inverno

(Tulles de nevoas grises dos Agostos,
Versos grisalhos de tristeza calma
Para as almas que vivem de desgostos.)

Cae a chuva de cinzas brandamente
Pelos montes e valles da minh'alma;
Campos e rios, os pardaes e a gente,

Toda a paizagem, humida, se cala.
A doce Bem-Amada empallidece,
— O Sol dos dias loiros anoitece
E a sua magoa em lagrimas s'exhala.

D'um sulco roxo, aberto em sementeira,
Sobem relentos funebres de cova;
É sexta-feira d'alma em lua-nova,
E um dia triste dura a vida inteira...

Versos da Noite Má

En las tinieblas complices perpetra
—la vieja Eternidad alguna infamia.
L. LUGONES.

Desmaiam alegrias e açucenas,
Primaveras e rosas rosicler;
Já autumneja o verde das verbenas
E o perfume pueril do vetiver.

Abrem os goivos tristes, goivos roxos,
Como o viuvo pio roxo de mochos;
Roreja somnolenta, lenta a chuva,
— Triste noivado roxo de viuva,...

A Noite cega, a immensa Noite impura
Cobre a Luxuria e o Crime pelos mundos.
(A sombra desleal da Noite escura
Lembra os teus olhos funebres, profundos!)

No campanario da ultima esperança
Dobra a mortos o sino da Lembrança.

. . . . . .

— É noite de assassinos esta noite,
E a minh'alma não tem onde se acoite!

A Vida

A Vida é um rio...
Passam os barcos, passa o pampeiro,
As agoas do Rio
Mudam-se em lamas d'um atoleiro.

A Vida é a Lua...
Vem o mingoante do mez d'Agosto,
E é pallida a Lua,
Como quem morre por um desgosto.

A Vida é um dia...
Chegando a tarde, que sangra e arde,
Acaba-se o Dia
E a Noite apaga as magoas da Tarde...

Grisalha

Manto griséo de chuvas,
Mantos griséos...
Andam chorando centos de viuvas
Sob estes céos.

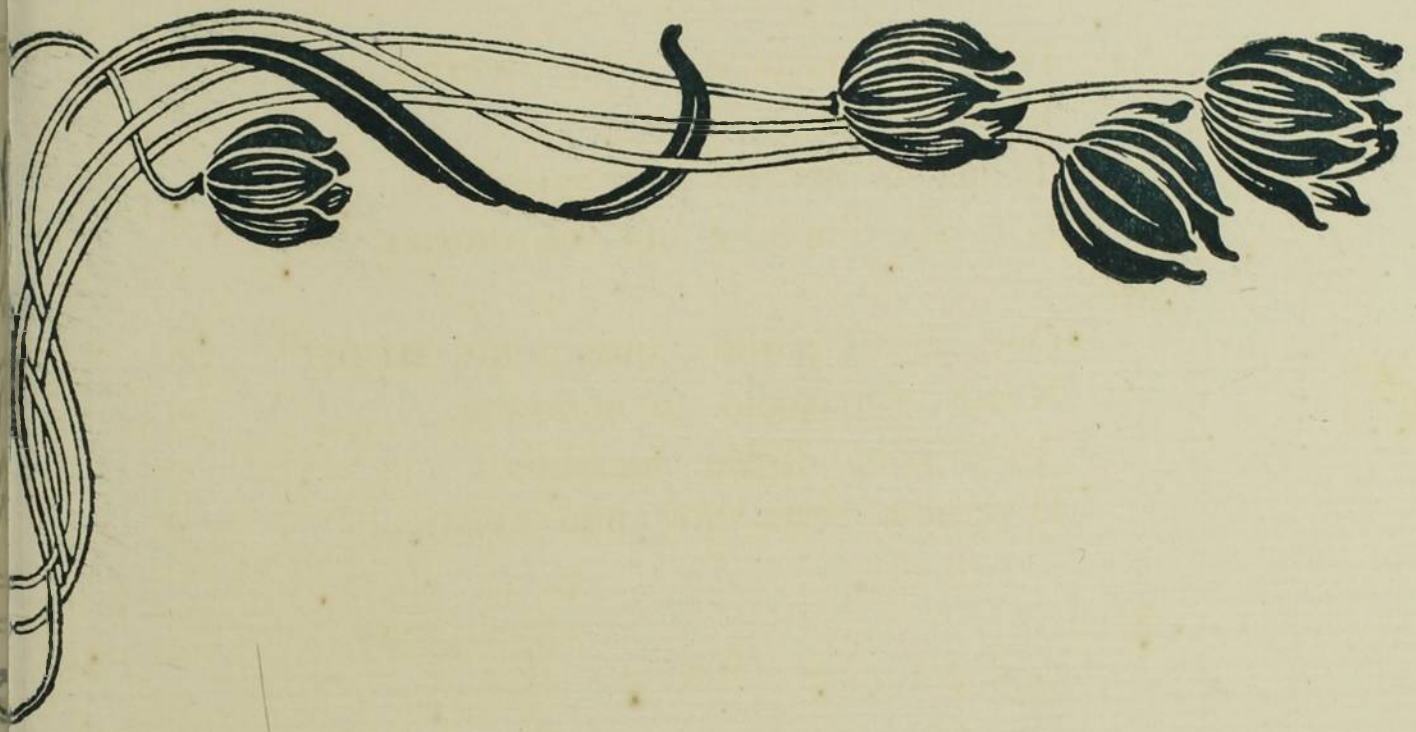
Os fios de lagrimas pelos ares
São fios de perolas em collares.

Gaze de nevoa brumando os mares,...
Nevoa, Saudade que s'evapora...

Chove nest'alma, como lá fóra.

Dias de cinzas do meu inverno,
Dias agrestes;
Todas as arvores são cyprestes,
E o dia d'hoje é um dia eterno.

Que chuva parda! que gente triste!
Neste crepusculo ao meio-dia,
Ando penando da nostalgia
D'alguma terra que não existe...



CORAÇÃO NAS MÃOS

I

...como si cada pecho estuviera lleno de musica... como si cada lengua fuera un cantero de violetas.

(L. Lugones)

O Poeta canta

(Na noite sumptuosa d'astros voga o Plenilunio extatico e serenamente branco; o luar é doce como o doce mel.)

Tive amores que eram castas amizades :

Cecilia e Irene, as que viveram sob o pallio da Illusão e, hoje, vivem no luar vida perenne;

Tive amores como em sonhos :

Helena, Salomé, Heliogabalo Imperatriz — o que foi amante d'homens e mulheres — Beatriz, a d'olhos esmoléres que dão esmolas

de Ideal; e todas as Immortaes, e as que a Arte fez, como o Sonho, — Eternas e Irreaes;

Tive amores como em noite de sabbath :

Anna Dulce, Laura e Rosalinda, a que era linda entre as mais lindas, e a que mal vi adorei logo — Elisabeth, a ruiva, de ventre pallido florido d'uma sarça de fogo;

E mais as Lobas, mercadoras do Suave, labios de caricias macias como plumas d'ave; as que fizeram voto de peccado e são Freiras do Amor; as boccas do beijo deshonesto, fermosas irmans do lindo gesto;

E tantas mais que foram perseguidas dos meus Ais;

Antes e mais que todas, a que violei sendo creança, Dona Felicidade, com quem me quiz casar e que um doido raptou no meu dia de bôdas, e nem por muito correr pude alcançar; sómente, ás vezes, entrevejo em terras extranhas da Esperança;

Depois de tanto amar, Cirio que todo ardeo, o Coração poz-se a bruxolear e morreo.

Mas, tu vieste, e o teu olhar dolente de somnambula disse ao morto Coração o SURGE et AMBULA!

Á Eleita...

Ás vezes creio que tu és a Eleita,
Ás vezes creio,
Dona do corpo e d'alma perfeita
Em quem eu creio.

Quando passeias a tua Graça
Por entre a gente
E' como um Sonho d'Arte que passa
Perto da gente!

Nos teus olhares ha melodias
D'operas novas;
Echos, suspiros e nostalgias
De terras novas...

Beijam-se noivos sob o luar
D'esses teus olhos ...
—Ha tanta coisa linda no olhar
D'uns lindos olhos!

Mas, porque vives assim tam triste,
De côr de cinza,
Como a scismar que tudo o que existe
Acaba em cinza?...

Vejo-te sempre de meio-lucto
Suave e grave;
De negro e branco, ou negro absoluto,
Pallida e grave...

Pallida e grave, num passo lento,
Vaes pela Vida,
Como quem pensa a todo o momento
Na Outra Vida...

Quero copiar-te esse rythmo lasso,
Pausando versos,
O rythmo novo d'esse teu passo,
Para os meus versos.

Alma Gentil

Ando viajando pelo teu olhar
N'uma indolente, lenta romaria;
Pelos teus olhos cheios de luar
Anda viajando a minha nostalgia...

Quando te vejo, ponho-me a lembrar
Os poentes roxos de melancholia,
Vagos poentes d'Agosto a suspirar
O Requiem tristissimo do dia.

Tudo que é lento, somnolento e grave,
Suggere a linha do perfil dolente,
Do teu perfil. romantico e suave.

E esse ar magoado, que persiste
Nos dias loiros, faz pensar a gente
N'alma d'alguem que já nascesse triste.

Soneto do Olhar

(Para os teus olhos, para os teus olhares
O Soneto bordado de saudade
E a lisonja das syllabas de seda.)

Pelo céo, pela noite, pelos mares,
— Via-lactea de amor e claridade —
O teu olhar é placida alameda,

Onde a minh'alma, anemica e doente,
Anda bebendo o ar da vida nova,
Nesse quebranto do convalescente
Que fugio ao mysterio d'uma cova.

(Já estive á morte, sendo assim tam moço...)
— Tarde de calma e de melancholia
E' o teu olhar; e, quando me olhas, ouço
Tocar dentro de mim Ave-Maria.

Soneto do Riso

(Para o teu riso e para o teu sorriso
O carrilhão dos versos de crystal,
Carrilhonando um fino madrigal.)

Para imitar a valsa do teu riso
Ando buscando um limpido vocabulo,
Que vibre como vibra um tintinnabulo...

— O mundo é escuro, mas, se tu sorris,
Na tua bocca vae raiando a aurora,
E no meu peito abre o puro Liz
Que a minha vida interior enflora.

E, se um dia doer-te o coração,
Depois do pranto, quanto tu sorrires,
Como depois das chuvas de verao,
Ha de sorrir no azul o Arco-iris.

Villancete

Por meu bem e meu descanso,
Ai! Senhora dos meus nervos,
Mais valera não querer-vos!

VOLTAS.

Dias que vão e que vêm
Vão sendo amargos demais:
Dias que vão levam ais
E, na dôr de querer bem,

Dias que vêm são iguaes...
— Ai! Senhora dos meus nervos,
Mais valera não querer-vos!

Se acaso de vós me achego,
Logo fugis, mal de mi!
Mas se, por ver-vos assi,
Eu me vou, vae-se o socego;
E mal aqui como alli,
Ai! Senhora dos meus nervos,
Mais valera não querer-vos!

E só comvosco demora
A minha malaventura,

Que, se commigo sois dura,
Outras são brandas, Senhora;
Queiram-me as outras, embora!
Vivem de vós os meus nervos,
Que quizeram não querer-vos!

Castellos no Ar.

A vida é o sonho de um sonho sonhado.

FICHTE.

Sonhos, noites, lagos nocturnos e luares;
Olhos, olhares...

Quando o luar dos teus olhos aos meus olhos desce
A minh'alma empallidece;
Todo eu fico a tremer,
E tu passas sem me ver,
No teu lento passo acompassado...

Ao ver-te passar, eu sinto que me crescem azas,
E leve de culpa e de peccado
Ponho-me a voar, a voar,
Numa volupia nova, pelo azul dos ares,
— Pelo Reino dos Luares, —
Acima das miserias e das casas
Té encontrar pelo caminho
Um dos meus Castellos no Ar...
— Lá, se tu quizesses, pela primavera,
Iamos fazer o nosso ninho.

(Minha Sombra Azul, côr de Chimera,
Quando o luar dos teus olhos os meus olhos banha,
Na noite da minh'alma entra uma luz extranha.)

O meu alcacer é um phantastico thesoiro,
Um palacio astral mitrado d'um zimborio d'oiro :
No parque, alabastros de nymphas e marmores de musas,

No jardim, as rosas brancas são pallidas reclusas,
E as sanguineas papoilas
Um bando saudavel de rusticas moçoilas ;
Dentro, numa sala immensa,
Em quadros muraes da Renascença,
Vivem sonetos do Aretino
E a legenda subtil de Leda e do Cysne divino.

(Quando o olhar dos teus olhos me veste de luar
Dentro da minh'alma ha um Cysne a cantar.)

Nessa camera d'arte erotica e pagan,
Por uma plumea e nupcial manhan,
O meu amor espera-te. E com que desejo,
Com que sede te espera!
No primeiro longo, longo beijo
Bebe-te o halito floral de primavera,
E é como se bebesse fogo.

(Quando o luar dos teus olhos os meus olhos toca,
A minh'alma beija-te na bocca.)

Nos meus olhos crepitam labaredas;
Todo eu, ardendo, quero amar-te logo;
Tremulos e timidos os dedos vão rasgando as sedas,

As musselinas lividas esparsas,
— Pennugem ventral de garças, —
Translucidas e brancas,
Fogem pela curva classica das ancas;
Como um estandarte desfraldas o cabello:
Cae a noite sem luar no meu castello,
E sob o novilunio da tua cabelleira
E' d'ambar o teu corpo, Trigueira,
Sincero e sem pejos,
Todo vestido/beijos!...

(Quando o luar dos teus olhos vence todos os luares
No lago da minh'alma abrem os sonhos, como nenupháres.)

Palavras

Na rua bisbilhante, plena
Passa a tua Graça morena.

Acodes ao prazer (—prazer ou dôr?—)
E vens para o sabbath do nosso amor.

Pelle floral em primavera,
O peito curvo em rostro de galera;

Passo em baloiço, pelo mar do Povo,
Levas á Festa esse teu corpo novo.

Beijos d'olhares poisam-te na bocca
E ladra a inveja das mulheres : *Louca!*

Louca! Porque é de mel o teu sorriso
E o teu amor é a Porta do Paraiso?

E porque foste o Chanaan bemdicto
Para aquelle que fugio do Egypto?

Serias louca se tu fosses feia,
Mas da tua bocca, amphora cheia,

Transborda um venturoso vinho;
E o teu ventre é branco como o linho;

Noites, lagos nocturnos e luares,
São teus olhos e olhares;

E sob o novilunio da tua cabelleira,
É d'ambar o teu corpo, Trigueira.

— A tua fermosura é uma lustral desculpa,
Que ser linda e nao amar é a Maxima Culpa!

Paschoa

Foi Domingo de Carnaval,
Soltos os loucos;
Guizos muitos na saturnal
E risos poucos...

Foi Quaresma da dôr secreta,
Côr de violeta...
— Passei no Horto das Oliveiras
Noites inteiras!

E foi Sexta-feira das Dôres,
De luto e rezas ;
Ia o Morto sobre os andores,
Tochas accesas...

Foi sexta-feira das Dôres...
No teu brando olhar sem áscua,
Hoje é Domingo de Paschoa
Todo de psalmos e flores!

II

E atraz d'esses, beijos, quanta dôr pungente!
Minha pobre bocca era um jornaleiro
Que fosse ao Brazil p'ra ganhar dinheiro
E de lá voltasse sem dinheiro e doente.

(E. de Castro.)

Trovas do Ciume

Vamos viver para o ermo,
Eu e tu, mais a Verdade,
Que o meu Amor anda enfermo
E quer fugir da cidade

Tudo lá fóra anda em calma,
Em soalheiras d'alegria;
Na floresta da minh'alma
Venta e chove todo o dia.

Ai! Meus Pezares, se viras
Meu nocturno Coração!
Já não no calmam mentiras
Nem morphinas da Illusão.

Não no calma o teu perfume
Nem o teu beijo opiado;
— É a hysteria do Ciume,
Molestia de máo-olhado!

Ás meias-noites macabras
Oiço Larvas a gemer...
A outros olhares não abras
As portas do bem-querer;

Parecem-te olhos ingenuos
Que andam pedindo p'ra entrar?
São maleficios morenos
Que me querem envultar.

Quando, á noite, a Morte passa,
Eu oiço Alguem que nos chama;
Somos da tragica raça
Que tem amores em drama.

Já no meu jardim secreto
'Stou vivendo em Shakespeare:
O meu Amor é um Hamleto,
O meu Ciume é um Rei Lear.

Quando la fóra anda a calma
E são verões d'Alegria,
Na floresta da minh'alma
Venta e chove todo o dia!

Uma Scena do Drama

Outomno... Outomno... Outomno...
Frio grisalho...
(Pobre amor ao abandono,
Sem agasalho.)

Sol! O ruivo Sol é morto;
Peneira a chuva.
(É a tua Noite do Horto,
Alma viuva.)

A Dama Branca anda em braços
De vil lacaio;
E para ella é mez de Maio,
Florindo abraços.

O seu regaço era o throno
Côr de marfim...
(É todo gris o outomno
Só para mim.)

Folhas mortas em cardume,
Folhas vermelhas...
(Picam as dôres do ciume
Como abelhas.)

No manto branco de gelos
Da Terra exangue,
Tragedias e Pezadelos,
Coalhos de sangue!

. . . . . .

Sol de verão afogado
No gelo eterno;
Todo em cans o desgrenhado,
Tysico Inverno!

Flócos de neve macia
Como algodão...

(Cae a neve, neve fria,
No coração.)

Vento norte, vento norte
Silva e sibila ;
Passa a Morte, passa a Morte,
Negra sibylla...

(Quero a Morte para breve,
Amor que mata !)
— Cae a neve, cae a neve,
Alva... de prata...

Chanaan

Olhos, onde passa em farándula ruiva
Uma theoria de mulheres nuas;
Seios de pellucia branca,
Brancos como luas;
Amphoral curva da anca;
Eburneo zimborio,
Ventre lactescente, esteril e marmoreo,
Onde a memoria do Peccado s'espolinha e uiva;

Corpo, que eu trago n'alma mettido,
E é o meu Paraiso perdido...

As doze tribus dos desejos meus
São como os Judeus,
Que morrem d'esperança van.

— Para quando a volta a Chanaan?

Como um Pastor...

Como um pastor que vae tocando a frauta,
Para chamar a ovelha desgarrada...
(Pobre pastor e pobre ovelha incauta,
Que o lobo espera numa encruzilhada...)

. . . . . .

— Já floresce no Ar a Lua-plena,
E o cansado pastor dos meus desejos
Vae chamando por ti na sua avena,
E pelos cordeirinhos dos teus beijos...

Trovas da Saudade

Velas espalmas, a todo panno
Foge este barco para o Accaso;
Levam-te as ondas do mar-oceano
E vaes tam triste como um occaso.

No meu passado, que é todo escuro,
Tiveste a auréola da Apparecida;
Hoje, tu foges p'ra o teu futuro
E eu vou p'ras guerras da minha vida.

Onde tu vives é um céo aberto,
O paraiso dos corações;
Na tua ausencia fica deserto
O meu palacio das Illusões.

Na seara d'oiro das alegrias
Cae a nevada fria do Inverno....
Ai! sinto que hoje começam dias
D'um frio nocturno, d'um frio eterno!

Da madrugada té o sol-posto,
Pela agonia de te não ver,
Encarcerado no meu desgosto,
Que vida amarga que vou viver,

No carcer fosco d'esta saudade
Vão-se-me as côres do rosto pallido,
Vão-se-me as forças e a mocidade,
E fico debil como um invalido.

No meu passado, que é tam escuro,
Tiveste as glorias da Apparecida;
Hoje, tu foges p'ra o teu futuro
E eu vou p'rás guerras da minha vida.

Trovas d'Alma.

QUADRAS SOLTAS.

(Emquanto eu penso estes versos,
O Occidente sangra e arde,
Como se muitos perversos
Apunhalassem a Tarde.)

Baixa o sol da mocidade
P'rá agonia do poente;
Na cadeia da Saudade
Vive a minh'alma doente.

A infeliz empallidece
Entre as grades a espiar;
Ia p'ra ti, se pudesse,
Como os rios vão p'ra o Mar.

Na minh'alma ha um thesoiro
D'amargura e de dulçor,
Que o Ciume, Bocca d'Oiro,
E' o outro nome do Amor.

Nem o balsamo das noites
Os meus ciumes acalma;
Ciumes são como açoites
Que a gente recebe n'alma.

Num barco, rumo d'Europa,
Tu fugiste, a Luz fugio;
A minh'alma é uma gaivota
Que vai seguindo o navio.

A minh'alma é uma creança
Que tu levas pela mão,
A dar-lhe *bonbons* d'Esp'rança
Perfumados d'Illusão.

A nostalgia que eu sinto
Do teu corpo sandolado
E' como o agri-doce espinho
Da memoria d'um peccado.

As saudades tem abrolhos,
Como as rosas nos rosaes;
Quem uma vez vê teus olhos
Já não nos esquece mais.

Vai o sol da mocidade
P'ra os occasos da Tristeza;
Na cadeia da Saudade
A minh'alma vive presa.

(Ponho o meu nome aos meus versos;
Já no occaso o Sol não arde;
Geme em violetas diversos
Suspiroso fim de Tarde.

A Tarde esp'ritualisada,
Na hora d'Ave-Maria,
É como o horizonte d'alma,
Na hora da Nostalgia.)

Palavras Doces

Andas agora longe de mim...
— É a minha vida galés perpetuas;
Mãos de Saudade, mãos de marfim,
Tecem-me os dias só de perpetuas.

Vivo em clausura estreita de monge
Na cella nua dos meus pezares;
E, porque vives assim tam longe,
Eu ando triste como os luares.

D'este romance, que lindo o prologo !...
Hoje, por vêr se ainda me queres,
Faço perguntas loucas d'astrologo,
A' estrella branca dos malmequeres.

Roman dos labios, setim dos seios,
Eram regalo só dos meus beijos;
Hoje — quem sabe? — matam desejos,
Soffrem olhares d'olhos alheios...

No pesadelo dos meus ciumes,
São noites d'annos as horas breves,
Mas, nessas noites, são vagalumes
Palavras doces que tu me escreves.

Lyrios sylvestres dentro das grotas
E treguas brancas dentro da guerra,
Palavras doces, que são gaivotas
No mar Oceano, longe de terra.

Estrellas ruivas, jasmins e luas...
E, quando as poisas sobre o papel,
Abelhas d'oiro, palavras tuas
Distillam favos loiros de mel.

Trazem-me em lucido, intimo abalo,
Tal se fallassem os corações,
Palavras doces em que me embalo
E são o berço das Illusões.

III

Como um pastor que vae tocando a frauta...

Palavras que o Vento leva

A's vezes olho para o Passado,
Para as tristezas, para os prazeres;
Vou pondo o nome a cada peccado
— Tantos desgostos, tantas mulheres...

As Beatrizes, que ainda vejo,
São nenupháres em meio ao lodo,
E são aquellas que o meu desejo
Não poude nunca vencer de todo.

Outras, que foram do meu harém,
Agror de beijos trazem-me á bocca.
(Quanta amargura no querer bem
E ser o Louco d'alguma Louca!)

... E vou pensando nos meus desgostos,
Nos meus ciumes allucinados,
Nos dias trezes dos meus Agostos,
Nos meus remorsos, nos meus cuidados...

Passam luares de sonhos d'opio
E novilunios de desenganos;
Passam os meus vinte e sete annos,
Como num grande kaleidoscopio.

E vejo o avesso das Alegrias,
As pedras falsas das Illusões,
Ai! quantas morrem todos os dias!
— São cemiterios os Corações...

Mas, no passado multicolor,
Violeta e grave, surge a saudade
D'aquella Casa da F'licidade
Em que tecemos o nosso Amor.

Risos, suspiros, glorias, pezares,
Todo o scenario do Fado incerto
Passa... e tu ficas nos meus pensares,
Como a palmeira do meu deserto.

No cyclo roseo do nosso idyllio
Eras a Amante e eras a Irman;
Para a minh'alma sempre no exhilio
Eras a Terra de Chanaan.

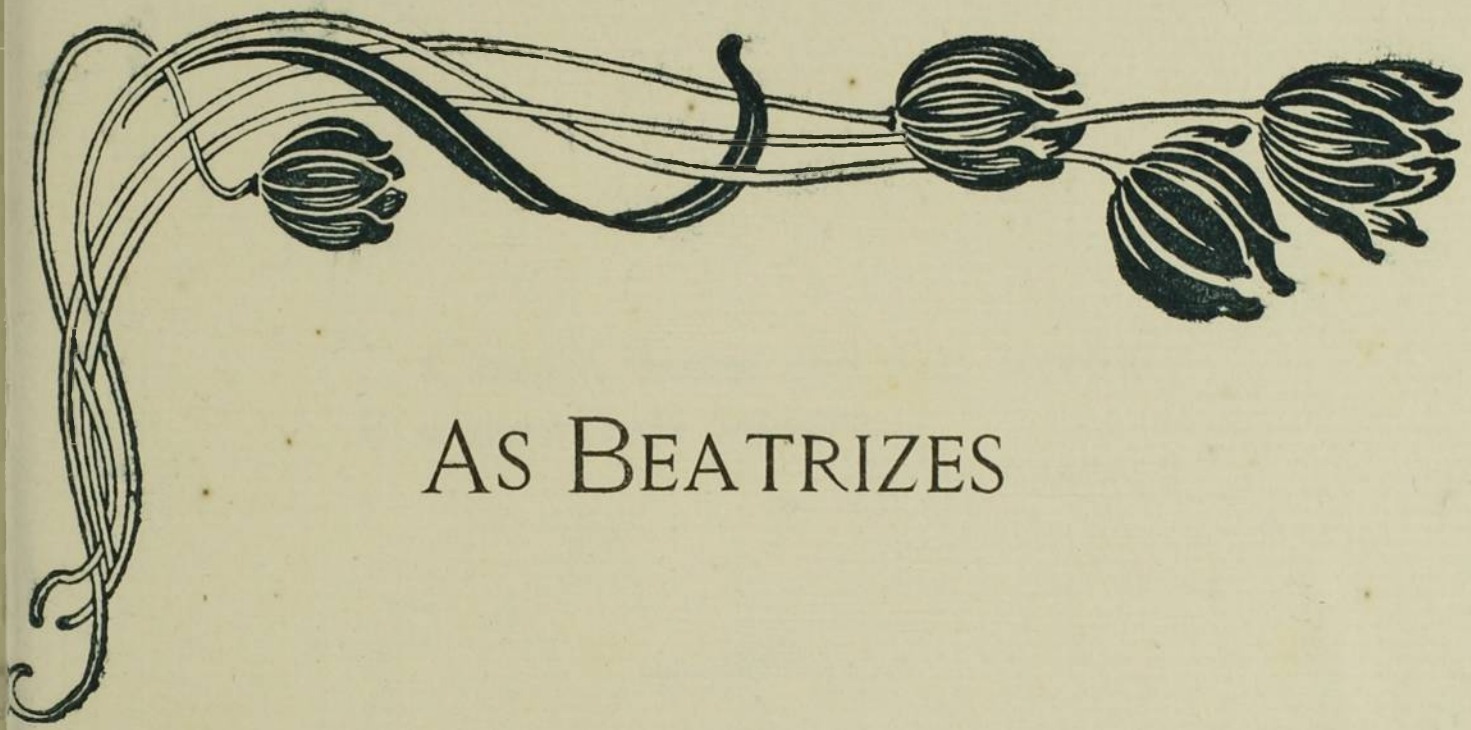
Lembro-me ainda do olhar honesto,
Da curva branda do lindo gesto;
De quando abrias o teu sorriso,
Como se abrisses o Paraiso...

Quando sorrias p'ra me falar,
Os dentes brancos como o marfim,
Eu tinha a idéa de os comparar
A um jasmineiro com os jasmins.

Vinha das penas do meu trabalho,
Num lusco-fusco d'humor grisalho,
Davas-me o beijo que m'esperava
E o meu crepusculo s'estrellava.

Vinha da guerra, vencido a meio,
E remoçava força e virtude
Na tua bocca, pucaro cheio
D'agua da Fonte da Juventude.

Depois... num dia de outomno gris
Entrou o outomno na minha vida;
E a punhalada da despedida
Deixou-me n'alma esta cicatriz...



AS BEATRIZES

... Como o doente que tudo appetece
E a quem tudo repugna...

(E. de Castro.)

Amor dos Olhos

Para Mlle E. DE P.

Era em viagem pelo mar-alto,
De Buenos-Aires para... o Infinito,
Sob a caricia d'um céo d'esmalte,
O mar immenso, grave e bemdicto
D'uns Olhos garços, côr d'Infinito.

D'esta minh'alma para a tu'alma
Eros teceo a teia do olhar,
E o meu silencio poz-se a falar
Dos meus amores á tarde calma,
Á tarde calma do teu olhar;
E nessa tarde esp'ritualisada
Pelo crepusculo em alto-mar,
Como acontece em contos de fada,
Sonhei a gloria de te adorar,
Numa Ilha extranha, em meio do mar!

Nesses enlevos nós suspirámos
Suspiros d'olhos que lembram ais,
E ninguem soube que nos amámos,

Em gestos brandos como espiraes
E beijos d'alma que lembram ais...

. . . . . .

Terra de lavras, sem herva má,
NIVE CANDIDIOR, o nosso amor
Só d'eu falar-te punha o rubor
Na pelle ingenua de rosa-chá,
Como se abrisse a rosa do Amor!

Amores castos, que o Vento leva,
Amores d'olhos e não de labios,
Não são os rubros peccados d'Eva,

Que sempre deixam agros resabios,
— Travo de beijos, agror de labios...

Em vez d'espinhos de máos pezares,
Fica a Saudade, fica a Tristeza,
E a melodia dos teus olhares,
— Canto suave d'uma ave presa, —
Vibrando em meio d'esta tristeza...

Elsa

Para ... C.

Quando tu passas, vejo-te passar
Como quem vê romper a luz do dia,
O' toda loira, em coifa de luar!
O' toda branca, em lyrios de Maria!

Na alvura sacra e ritual de Maio
E's a mais alva das mulheres alvas,
E o teu liquido olhar, azul e gaio,
Flue aromando a vetivér e a malvas.

E' como um rio de prata e de cobalto,
Aguas noivando o Cysne de San Graal:
— O branco Cysne, branco, nupcial,

D'alvo collo de serpe, longo e alto,
Que o Cavalheiro traz da Raça Excelsa
Para o connubio todo casto d'Elsa.

Nomen

Para E. F.

— Nome alado e leve, — mais leve e mais alvo do que a neve — e o nome das Ophelias — feito de petalas brancas de camelias — e da sonoridade osculante — d'um toque de Trindades — num sino de prata oscillante;

— Nome que diz a vida inteira em reza e castidade — d'uma linda freira que morresse em odor de santidade;

— Nome escripto com dez Soes; — o Sept'Estrello mais as Trez Marias. —

— Nome lithurgico de Santa; — Paschoa depois de Sexta-feira Santa...

— E para exorcismar as minhas agonias — murmuro, contricto, a meia voz, — violoncellos em surdina:

Orthodoxo, ritual e suave, — doce nome christão d'*Évangelina*, — AVE.

Noite em Claro

Para A. C.

Assim tam loira, da côr dos trigos,
Quando te dignas baixar á rua,
Murmura o côro dos meus amigos :
— Parece mesmo que é Dona Lua !

Lua de Maio da minha vida,
Suave e grave como uma freira,
Passas... e a rua fica florida
De flores alvas de laranjeira.

A Flor symbolica do noivado,
No teu cabello de claridade,
Livra dos males e do peccado
Contra o preceito de castidade.

Dentro da sombra peccaminosa
D'esta minh'alma d'ave nocturna,
A castidade foi uma rosa
Que abrisse dentro d'alguma furna.

Foi o milagre d'olhos azues
(Lembra-me a estrella guiando os magos!)
Florir o lodo máo dos paúes
Co'as pet'las brancas da Flor dos Lagos.

Foi o milagre d'olhos piedosos
Salvar est'alma, que era do Abysmo,
E exorcismal-a com o exorcismo
Dos teus olhares melodiosos.

Mas, se é mentira que tu me queres?...
Mas, se a tu' alma da côr do dia
Anda vestida de hypocrisia?...
— E se és d'argila d'outras mulheres?...

. . . . . .

(É madrugada... Assigno estes versos
Para essas mansas pupillas garças...
— Pelo horizonte um vôo de garças
Leva os meus sonhos todos dispersos...)

Outomno do Amor

Para U.

É o outomno do amor em tintas grises :
— Folhas cahidas d'arvores annosas
Manchando a neve como cicatrizes,
E, de todo o rosal, pet'las de rosas...

Ai! que este amor tam pallido e tam fosco
Vae-se finando, assim, entre nós dois;
Eu outro fui, que já não sou comvosco,
E outra commigo fostes e não sois.

Inda eu vos chamo a minha Bocca d'Oiro,
O meu nostalgico Peccado Loiro,
Mas já não tenho os gritos da paixão;

Num poente d'alma, num cansaço physico,
O nosso amor é como um pobre tysico
Que anda fazendo a cura da Illusão...

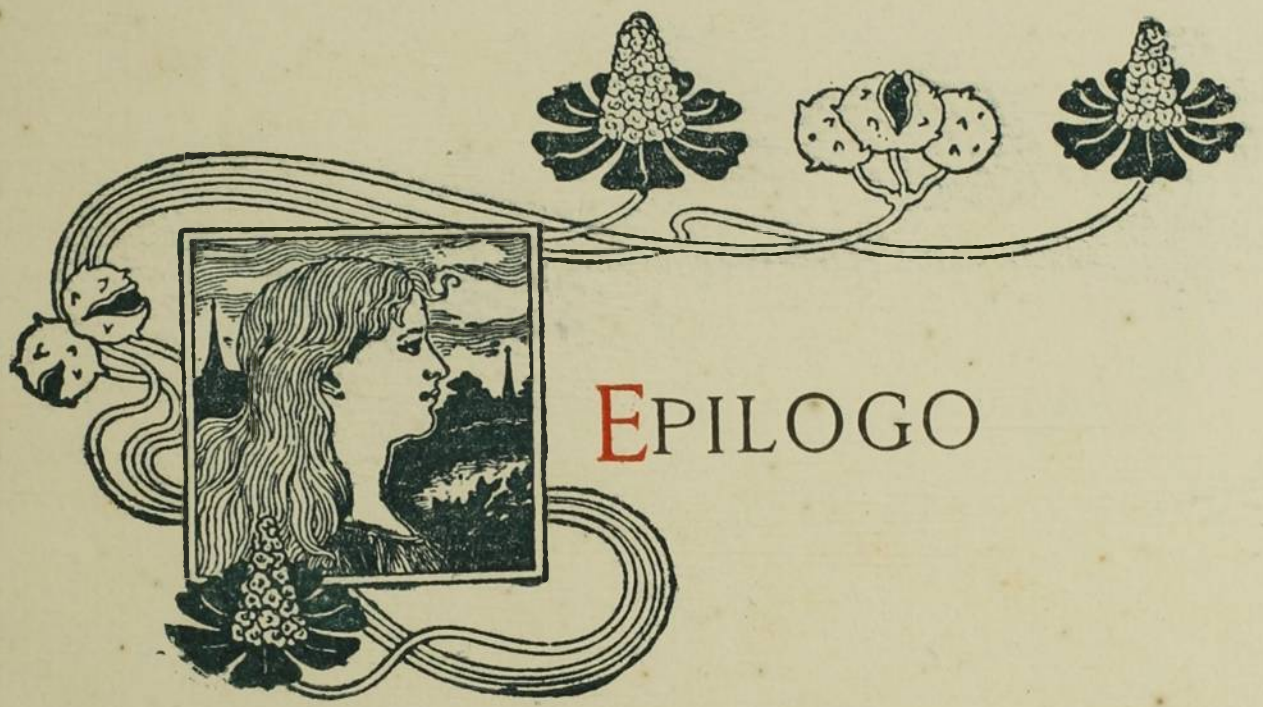
Hontem de Noite...

Hontem de noite...
— Na noite negra o inverno branco,
Negro e branco d'agua forte —
Hontem de noite,
Ardia ainda o meu Cirio branco;
A' meia-noite,
Veio e soprou-o a feia *Morte*.

Á meia-noite,
Bateo á porta bem de mansinho,
Como um mendigo desgraçadinho
Que pede esmóla.
(Ai! feia *Morte*, porque apagaste os Olhos Noivos?)
Hontem de noite.
O Padre veio d'hyssope e estola...
— Eu aspergi-A, depois cobri-A de dôr e goivos.

Á meia-noite,
(Doze corujas piando, as carnes arripiando...)
Um cão negro veio uivar á porta
Da minha Noiva morta;
Hontem de noite,

— Noite de agoiros roxos corvejando —
No meu peito (inda as tenho cravadas!)
Sete assassinos cravaram Sete Espadas!



EPILOGO

... Num poente d'alma, num outomno physico...

Nenia

...E la mesta anima mia...
ARRIGO BOITO.

O meu coração é um Polo Norte,
Frio, nocturno, roido de doenças;
A minh'alma é Quinta-feira d'Endoenças,
Que vem de Trevas e vae para a Paixão e a Morte!

Vae para a Morte, pela via acerba d'Amargura,
Pulverulenta d'illusões em pó,
E sentou-se a descansar á porta da Loucura...
— A minh'alma é da raça de Job!

Tem vinte annos a minha bocca vermelha,
Mas a minh'alma é invalida e velha,
E cega... Uma cega que vae pela mão d'uma creança,
E hontem acompanhou o enterro da Esperança.

Em vez d'est'alma ataxica e senil,
Que a Dôr anoitece e a Nostalgia goiva,
Ai! quem me dera um'alma azul, primaveril,
Tal como um bemmequer no seio d'uma noiva.

Ó Castellan dos meus castellos no Ar,
Ó Fonte dos Milagres, levanta o Lazaro da cova.
Pelos Santos Oleos d'esse teu olhar
Resuscita-me est'alma, ou dá-me um'alma nova!

En Route

Sancta Maria, Regina Cœli.

Era uma vez um coração afflicto,
Cheio de vicios e mais cheio d'asco;
Um coração com fome d'infinito,
Andando pela Estrada de Damasco.

Vinha do Mundo e da felicidade,
— Da ambição, das vanglorias, da luxúria —
Vinha d'agra Suburra da Cidade,
Onde se dorme bebado d'incuria...

No coração escapo do prostibulo,
Como a braza que fica no thurybulo,
Tinha ficado a Fé, que é duradoira;

E, pela escada do arrependimento,
E' que elle vae galgando, a passo lento,
O Reino azul d'uma Rainha loira.

Ultima Pagina

Memento homo...

A ultima pagina é sempre a Morte...
Porque trabalhos, porque tristezas,
Choros, luctas e rezas,
Se ninguem pode mudar a sorte!

És bom, és puro, és forte,
És nobre como um estandarte;

Capaz d'um sacrificio ou bem d'uma obra d'Arte...
— E numa sexta-feira ha de matar-te a Morte!

Casaste a audacia e o genio, foste ao Polo-Norte,
Derribaste os muros do Mysterio,
Entraste á meia-noite por um cemiterio...
— Ó vencedor, serás vencido pela Morte!

És corcunda, tens um alto porte;
És frade, ou ladrão... Faças o que fizeres,
Sejas casto, ou vicioso de mulheres...
— Amanhan, ou depois, é o dia da tua Morte!

. . . . . .

Só na apparencia differe a sorte;
— Para que servem Poetas e Heróes,
Se hão de morrer os proprios Sóes,
E ninguem ha de matar a Morte!

Acabou-se d'imprimir este volume aos X dias do mez de Julho do anno secular de M.DCCCC, nas officinas de Ad. MERTENS, em Bruxellas.

24986